

Federal University of Rio de Janeiro State

Journal of Research
Fundamental Care OnlineISSN 2175-5361
DOI: 10.9789/2175-5361

PESQUISA

Significados e influencias da violência doméstica: sentimentos refletidos por mulheres em situação de violência

Meaning and influences of domestic violence: feelings reflected by women in the state of violence

Significado y la influencia de la violencia doméstica: sentimientos reflejados por mujeres en el estado de violencia

Maria Sidney da Silva Soares¹, Geane Silva², Cláudia Maria Ramos Medeiros³, Verbena Santos Araújo⁴, Renata Cavalcanti Cordeiro⁵, Maria Djair Dias⁶

ABSTRACT

Objective: Identify feelings of women victims of domestic violence. **Method:** This was an exploratory, descriptive, qualitative approach developed in August 2011, in a women's police station, with 08 women who denounced the violence. We used the workshop to produce the data through semi-structured interviews, which were recorded and transcribed for analysis according to the analysis thematic category. Only after approval of the ethics committee and research under protocol number: 0078.0.405.000-11, this research was operationalized. **Results:** The results show that women are vulnerable to violence as a matter of socially constructed that it is inferior to males should be submissive and obey him. **Conclusion:** Women victims of violence express feelings of anxiety, shame and disbelief, and hope in order to continue despite all the abuse and violence suffered. **Descriptors:** Violence, Vulnerable, Woman.

RESUMO

Objetivo: Identificar sentimentos de mulheres vítimas de violência doméstica. **Método:** Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva, de abordagem qualitativa desenvolvida em setembro de 2011, em uma delegacia da mulher, com 11 mulheres que denunciaram a violência sofrida. Utilizou-se a oficina para produzir o material empírico por meio de entrevista semi-estruturada, as quais foram gravadas e transcritas na íntegra para serem analisados de acordo com a análise de conteúdo do tipo categorial temática. Somente após anuência do comitê de ética e pesquisa sob protocolo de número: 0078.0.405.000-11 esta pesquisa foi operacionalizada. **Resultados:** Os resultados apontam que mulheres são vulneráveis a violência por uma questão socialmente construída de que ela é inferior ao gênero masculino devendo ser submissa e obedecê-lo. **Conclusão:** As mulheres vítimas de violência expressam sentimentos de angústia, descrença e vergonha, tendo a esperança como forma de prosseguir apesar de todos os abusos e violência sofrida. **Descritores:** Violência. Vulnerável, Mulher.

RESUMEN

Objetivo: Identificar los sentimientos de las mujeres víctimas de la violencia doméstica. **Método:** Se realizó un estudio exploratorio, el enfoque descriptivo, cualitativo desarrollado en agosto de 2011, en una comisaría de la mujer, con 08 mujeres que denunciaron la violencia. Se utilizó el taller para producir los datos a través de entrevistas semiestructuradas, grabadas y transcritas para su análisis de acuerdo con la categoría de análisis temático. Sólo después de la aprobación del comité de ética e investigación bajo el número de protocolo: 0078.0.405.000-11, esta investigación fue puesto en práctica. **Resultados:** Los resultados muestran que las mujeres son vulnerables a la violencia como una cuestión de construcción social que es inferior a los varones deben ser sumisas y obedecerle. **Conclusión:** Las mujeres víctimas de violencia de expresar sus sentimientos de ansiedad, vergüenza e incredulidad y esperanza para continuar a pesar de todo el abuso y la violencia sufrida. **Descriptor:** Violencia, Vulnerable, Woman.

¹Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba. Docente da Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande/PB/Brasil. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História Oral e Saúde da Mulher/GEPHOSM do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFPB. E-mail: profcidneysoares@hotmail.com. ²Enfermeira. Graduada pela Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande/PB/Brasil. Enfermeira do Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ-AB) 2012. E-mail: geanearts@hotmail.com. ³Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública e Psiquiatria da UFPB. João Pessoa/Paraíba/Brasil. E-mail: claudiaramos.enf@gmail.com. ⁴Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba. Membro do Grupo de estudos e pesquisas em História Oral e Saúde da Mulher/GEPHOSM do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFPB. João Pessoa (PB) Brasil. E-mail: verbena.bio.enf@hotmail.com. ⁵Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Grupo de estudos e pesquisas em em História Oral e Saúde da Mulher/GEPHOSM do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFPB. João Pessoa/Paraíba/Brasil. E-mail: renatacc@outlook.com. ⁶Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba. Líder do Grupo de estudos e pesquisas em História Oral e Saúde da Mulher/GEPHOSM do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UFPB. João Pessoa/Paraíba/Brasil. E-mail: mariadjair@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A figura feminina sempre foi cercada de ensinamentos, e credences que regulam, e limita seu espaço diante da sociedade, a mente de homens e mulheres é recobertas de moral excessiva extinguindo ou distanciando-os do pensar ético. A figura feminina é muitas vezes coadjuvante ou figurante de suas próprias histórias lhe é imposto o dever de ser delicada e submissa prendada e compreensiva, estereotipada.

Portanto, a violência contra a mulher caracteriza-se como fenômeno de caráter público e legitimado pela sociedade, onde mulheres convivem com os parceiros agressores devido a naturalização deste ato imposta pela cultura, questão essa, que vem mudando ao longo das últimas décadas devido ao início das denúncias e do grande impacto social, econômico e na saúde da população, os quais exigiram ações do Estado com vistas ao combate e prevenção.¹

Assim, a violência refere-se a conflitos de autoridade e desejo de domínio, a uma ordem de poder, e isso aniquila o outro, a qual não é uma especificidade da saúde, porém o impacto direto sobre ela por meio de lesões, traumas e mortes, sejam físicos ou emocionais, representando então um problema de saúde pública com graves dimensões transversais à sociedade atual.²

Nesse ínterim, as políticas públicas visam trabalhar, na perspectiva de ações conjuntas e dispositivos legais, para o combate desta prática, por meio da prevenção de situações de vulnerabilidade, da conscientização de que sofrer agressão, seja ela física, psicológica ou verbal não é algo natural e do estímulo da autonomia da mulher e sua busca por seus direitos.³

Dessa maneira, a lei de número 11.340/06 intitulada lei Maria da Penha surge impulsionou a luta pelos direitos das mulheres que sofrem violência, por meio incessantes buscas e superação. No entanto, passaram-se muitos anos para que a mesma vigorasse no Brasil, sancionada em 07 de agosto de 2006, pelo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por pressão de mulheres que se organizaram e de Organizações não governamentais (ONGs) internacionais que se sensibilizaram com a história de Maria da Penha, a qual lutou durante décadas por justiça, sendo por pressão internacional a lei sancionada.⁴

A OMS evidenciou dados epidemiológicos alarmantes em relação à violência contra a mulher, mostrando que em vários países do Mundo grande parte da população feminina sofreu algum tipo de agressão física ou foram forçadas a terem relações sexuais contra a vontade.⁵

A relevância deste estudo, se dá devido a possibilidade ampliada dos profissionais de saúde para a realização de suas ações. Para tratar de mulheres vitimizadas pela a violência doméstica é preciso ser possuidor de alguns saberes; o saber científico, o qual se sustenta pela teoria aliada às habilidades técnicas; saber olhar integral e reconhecer que mulheres vítimas da violência trazem consigo características que vão além dos ferimentos, e por isso é preciso que os profissionais de saúde, em especial a enfermagem, estejam treinados,

sensibilizados e embasados também na lei e também para o desempenho do melhor cuidado no atendimento.

A violência contra a mulher no Brasil tem sido mais evidenciada na atualidade, e para muitos tem se tornado algo banal. Apoiados no discurso de violência e as discussões que envolvem o tema na atualidade principalmente em se tratando de mulheres surgem à seguinte questão norteadora: “Quais sentimentos são evidenciados nos discursos de mulheres vitimizadas pela violência doméstica?” Assim, formulou-se o seguinte objetivo: Identificar sentimentos de mulheres vítimas de violência doméstica.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo, exploratória e descritiva, de natureza qualitativa desenvolvida em uma delegacia especializada na assistência à mulher, no município de Campina Grande/PB/Brasil em setembro de 2011, sendo a população composta por mulheres vítimas de violência doméstica que denunciaram a violência sofrida, a amostra foi de onze mulheres com idade variável entre 20 e 68 anos, com predominância de mulheres em idade reprodutiva. A maioria convivia em união estável, e o número de filhos variou entre 1 a 13 filhos. Grande parte exercia trabalho informal, outra parte vive da renda de benefícios previdenciários. O tempo de convívio violento variou de 3 a 25 anos. As mulheres entrevistadas foram caracterizadas por nomes de flores, no intuito de proteger suas identidades.

Os critérios de inclusão foram: Mulheres vítimas de violência e que realizaram o boletim de ocorrência na delegacia da mulher vítimas de todos os tipos de violência doméstica; Independente de ser a primeira ou mais de uma denúncia; Mulheres com mais de 18 anos.

Os instrumentos utilizados para a coleta do material empírico foram entrevistas semiestruturadas, as quais foram gravadas com auxílio de aparelho de multimídia MP4 e posteriormente transcritas na íntegra, utilizando, também, as observações armazenadas em um diário de campo, tendo estas, subsidiado toda a pesquisa.

Após a realização das entrevistas, o material empírico foi transcrito em sua literalidade e este produto deu origem ao corpus do trabalho. Após a leitura exhaustiva das falas dos entrevistados, as mesmas foram dispostas e apresentadas em forma de narrativas e posteriormente analisadas segundo a técnica de análise de conteúdo, tipo categorial temática proposta por Bardin.⁶ Seguida a análise, o material empírico foi confrontado frente à literatura existente referente ao tema.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento, sob protocolo nº 0078.0.405.000-11, obedecendo aos princípios éticos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde por se tratar de pesquisa envolvendo seres humanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estudos evidenciam que mulheres em idade produtiva e reprodutiva são as mais agredidas, portanto esta pesquisa corroborou com este achado ao apresentar a maior parte de sua amostra mulheres com faixa etária variando entre de 20 a 68 anos, com baixa escolaridade, convivendo em união estável, com o número de filhos entre um a treze filhos, sendo o tempo de convívio violento variante entre três e vinte e cinco anos. Em relação à questão econômica, grande parte dessas mulheres possuem renda fixa oriunda de um trabalho informal e/ou subsiste da renda de benefícios previdenciários.^{7,8}

Dessa forma, por não terem como garantir a sua própria sobrevivência financeira nem a de seus filhos, sujeitam-se a dependerem de seus companheiros agressores. Assim, fatores como a pobreza, o uso abusivo de álcool e outras drogas predispõe o surgimento de vítimas da violência doméstica.⁹ Percebe-se, então, que a questão social e a dependência financeira trazem ainda relevante influência nessa dinâmica de violência aprisionando muitas mulheres.

Sentimentos de Perda da Autoestima e dos Sonhos

A violência constitui-se, atualmente, uma questão de saúde, de caráter social e a iniquidade que se instala a cada dia, apresenta números crescentes. Assim, a mulher que é violentada é em geral uma vítima fragilizada e encurralada, seu sofrimento atinge toda sua família, seus filhos crescem em um meio de vulnerabilidade, em um ambiente perturbador. Portanto, intervir de maneira educativa e segura é a busca de muitos profissionais, e acima de tudo dos cidadãos.

Nesse íterim, pesquisar sobre essa temática é socialmente importante, pois os seus resultados irão contribuir para elaboração de estratégias nas comunidades, e sociedade como um todo. É possível perceber um misto de sensações e sentimentos nas vítimas de violência doméstica, esses sentidos viajam de uma linha que vai desde a dependência financeira à frustração de uma relação recoberta de oscilações e desrespeito, é possível sentir a real necessidade de uma intervenção de conscientização e sensibilização das relações ao evidenciada nas falas abaixo:

Eu era uma ótima, assim eu sou uma boa dona de casa só que eu não tenho mais aquele amor de fazer as coisas que antigamente eu fazia; ele dava em mim, eu ficava com olho roxo, ele deu paulada em mim, eu nunca apanhei dos meus pais de pau! Entendeu? E ele deu em mim, eu tentei assim mais ou menos de oito anos porque assim, eu tentei o máximo, mas não tenho vergonha de dizer pra vocês, eu queria gostar dele como eu gostava, mas não tem como, porque ele não deixa eu viver! Ele não deixa eu, é isso, ele quer que eu seja feliz, ele também não é feliz! É tarde porque eu já, eu me desencantei, eu queria me encantar, eu queria colar os cristalzinho de novo mas não to conseguindo [...]. (Lírio, 37 anos, grifo nosso).

Sempre tive do bom e do melhor em minha casa, escola boa, cursos e tudo mais! Mas eu escolhi ele e saí de casa. [...] aí a gente passou quatro ano, dois ano foi uma maravilha! Depois que eu engravidei, tudo mudou, começou a me bater, não sei como eu não perdi minha filha, eu não sei

quantas vezes ele me derrubava no chão e eu sempre ali porque eu era louca por ele! (Crisantemo, 20 anos).

Ele despejava as comida na mesa como que eu fosse uma cachorra, ele chegou a dá murro na minha face [...] Eu...era gorda, bonita e cheia de vida, ele me acabou. (Cravo, 42 anos).

As falas acima mostram que o sofrimento acarretado pela violência contribui para a destruição dos sonhos, fazendo emergir o sentimento de impotência gerado em relação à situação vivida, a partir da dependência do gênero dominador, o que as torna prisioneiras da situação de aflição que vivenciam. Dessa forma, a atitude dos agressores de imposição, acusações sem sentido, a humilhação e as críticas frequentes acarretam a desvalorização da mulher e a diminuição de sua autoestima, devido à desvalorização pessoal.¹⁰

Dessa maneira, percebe-se que o sofrimento gerado pela violência ultrapassa os limites da experiência física, atingindo o emocional, econômico e social das mulheres. Portanto, o medo, angústia, a culpa e as preocupações em relação ao futuro, permeiam a mente dessas vítimas que caracterizam-se por sua insegurança em meio a situação de violência.¹¹

Atualmente comparado a outras pesquisas ainda existem poucas referências que falam do subjetivo, da expressividade da vítima de violência de gênero, mas é importante considerar tais questões, por partir delas vários outros problemas de saúde, de convívio e conseqüentemente sociais. Há importância no pensamento sistêmico e complexo no entendimento de fenômenos humanos e sociais.¹²

Então, as mulheres apresentam sentimentos de desilusão por causa da ruptura dos sonhos, que não representa apenas o abandono de um objetivo, mas traz consigo a baixa autoestima, a desvalorização de si mesma, conseqüentemente torna essa mulher diante da vida um ser fragilizado, que inspira em alguns o sentimento de piedade, e perpetuando assim a antiga imagem de uma mulher dependente e fraca.

Muitas mudanças já aconteceram, foram direitos conquistados por meio de movimentos feministas e sociais, no entanto ainda é real e bem presente a violência perpetrada por homens as suas companheiras. Regras são ditadas dentro de diversos arranjos sociais, os quais são distintos, mas que culminam na mesma imposição, onde se rotula a mulher como um ser frágil, que deve ser doce e delicada, não podendo realizar determinadas tarefas por conta de sua condição de gênero, logo a violência já está compenetrada.

Assim, a figura feminina precisa sobressair, pois somente assim, saberemos suas reais necessidades e as apontaremos para criar ajustes funcionais na tentativa de solucionar tal situação. É preciso que a mulher com suas relações de violência não permaneçam mais ocultas, invisíveis como foram durante muito tempo, a mídia tem cooperado para isso, isso é positivo, porque só conhecendo a história de vida, o cenário, os desejos e anseios dessas mulheres que poderemos pensar em eficazes soluções e possíveis ajudas.¹³

Nas emoções e sentimentos expostos acima são perceptíveis a expressão de descrença e a esperança de liberdade e de livrar-se da relação que oprime e a anula, que restringe direitos e causa máculas na personalidade de cada vítima de violência.

Cicatrizes no corpo e na alma da mulher em situação de violência

O que é evidente na maioria dos discursos são as marcas deixadas pela violência, as agressões físicas cicatrizam fisiologicamente, mas permanece no limiar da mente as imagens oriundas das agressões e abusos, favorecendo assim o surgimento de determinadas patologias, como depressão e síndrome do pânico, ou até mesmo o desencadeamento de outros transtornos mentais.

A mulher que vive em ambiente de maus tratos segue sua vida de maneira insegura, assustada, fragilizada, frustrada; ao mesmo tempo são mulheres com resquícios de força que superam inúmeras situações, como um câncer e um consequente desprezo de seu companheiro. Como expresso nos depoimentos abaixo:

...durante 13 anos nunca tive paz com ele, acho que nem vivi, acho que vegetei ao lado dele [...] eu fui portadora de um câncer de tireóide, foi quando ele olhou pra mim e disse assim: te vira só! Pense aí, você acostumada a ter uma pessoa do seu lado?! E depois não querer te ajudar, entendeu como é? É muito triste! Você ouvir da boca daquela pessoa [...]. (Angélica, 30 anos).

Eu não me lembrava de que eu existia no mundo [...] Eu não me lembrava de que eu tinha filho, eu não me lembrava de que o mundo existia, apagou assim, sabe uma pessoa que perdeu a mente geral? Eu fiquei assim, eu fiquei desse jeito! Através dele, isso tudo um sofrimento, aí eu olhei pra mim mesma, eu mesmo magrinha feridentinha, olhei pro espelho, eu sou mais eu mais eu mais eu seis vezes! (Cravo, 42 anos, grifo nosso).

Nos depoimentos acima evidencia-se a expressão das marcas psicológicas. Uma das participantes fala com lamento mágoas de seu relacionamento, do abandono e do desprezo, a e descrença em outra relação. Outra traz com profundidade seus sentimentos e fala de seu sofrimento psíquico e verbaliza a perda de identidade e o desencontro com a vida real. Mas a sua força persiste ao se enxergar como um ser de valor e ao sentir-se assim, a mulher recebe de si nova esperança para prosseguir. Os impactos gerados pela violência são inúmeros, mas o que percebemos nos discursos é uma gradativa mudança de pensamentos que outrora apresentava para a atualidade.

Inúmeras mulheres agem apenas como membros da categoria gênero feminino, e isso acontece segundo a ideologia de gênero, independentemente de terem consciência deste fato, pois esta identidade integra inclusive os estratos inconscientes de sua psique.¹³ A mulher em tempo integral sofre influência social, moral e cultural, mas nem sempre influências éticas. E desde a infância torna-se um ser estereotipado, rotulado onde é muitas vezes impedida de realizar ações rotuladas como masculinas e isso gera uma inconsciente submissão que as fazem permanecer e uma relação recoberta de maus tratos e violência.

A violência sofrida pela mulher perpetrada por seu companheiro geram problemas relacionados à saúde os quais nem sempre seguem uma linha cronológica, envolvendo assim indicadores inespecíficos de má saúde, de má qualidade de vida e uso frequente dos serviços de saúde. Sendo assim, o resultado dessas relações violentas é visível na saúde, com conseqüências físicas e em maior gravidade de forma mental.⁷

Portanto, apesar de todo sofrimento vivido, elas não desistem da possibilidade de sonhar, e de serem felizes um dia, sonhos são esvaídos, mas o ser humano, especialmente, o ser mulher tem capacidade de recriar, e reconstruir ou reiniciar novos caminhos; outras direções.

No discurso seguinte percebemos o arrependimento de uma relação iniciada com precipitação e no impulso dos sentimentos que outrora fora despertados e que marcaram a adolescência e possivelmente a vida dessa mulher.

O meu erro foi ter me relacionado nova demais, saí de casa eu tinha 17 anos, falta de conselho da minha mãe não foi, sempre tive do bom e do melhor em casa, escola boa, cursos e tudo mais! Meu quarto parecia quarto de princesa, tudo que você imaginar no meu quarto tinha. Conheci uma pessoa, foi meu primeiro namorado, meu primeiro homem, pai da minha filha! Namorei com ele uns seis meses, minha mãe dizia: Quartzzo, não sai de casa, não sai de casa que ele não presta! Mas mãe, eu conheço ele, e ela não queria que eu namorasse com ele, ela foi e disse, pois você vai ter que escolher: ou eu ou ele. Eu escolhi ele, saí de casa. Quando fui eu engravidei com 18 anos, ele disse: você vai tirar! Eu não vou tirar, eu sempre quis ter uma filha. (Crisantemo, 20 anos).

Na atualidade observamos que muitos dos valores que víamos há um tempo já não os encontramos mais com a mesma frequência. No Brasil Colônia a mulher era vista como aquele ser que representava a mulher/mãe, e era ela valorizada por isso, era uma relação patriarcal onde o homem encabeçava todas as questões do relacionamento, estava implícita a dominação da mulher pelo homem.⁹ Porém é importante frisar que a mulher recebia com certa satisfação essa condição, pois a ela era atribuído um valor especial, às os que fugiam desse padrão estava assim à margem de críticas sociais.

No entanto, houve uma mudança significativa nas relações e nos valores, e percebe-se isso claramente algumas pesquisas⁽¹⁶⁾ onde mostram que as relações de violência entre os jovens ainda na fase de namoro, é um problema grave onde estão imbuídos inúmeros fatores, provocando diversos efeitos negativos. De acordo com os autores muitas relações que trazem a violência incorporada já mostram sinais desde a fase inicial do relacionamento.

CONCLUSÃO

Os sentimentos expressados por mulheres vítimas de violência são diversos, porém de origem comum. Suas fâcias refletem suas vivências e retratam marcas profundas oriundas de uma relação frustrada de domínio e submissão, de sonhos desfeitos, objetivos frustrados, de vida vazia e sem motivação, de angústia e descrença, de invisibilidade e vergonha, depressão e fé, onde resquícius de esperança as permitem prosseguir apesar de todos os abusos e violência sofrida.

O sonho de uma família feliz e harmoniosa e uma latente vontade de viver e existir, todas essas mulheres alimentam esse desejo, mas seus anseios são anulados com as humilhações e lamentos que interagem lado a lado, um sentimento de impotência, a desestruturação emocional que leva a terríveis depressões. Percebe-se que mulheres vítimas de violência doméstica possuem certo grau de dependência seja financeira, emocional ou psicológica; a excessiva submissão para com seus companheiros ainda é presente, porém não conseguem explicar o porquê de tanta dependência, é visível também

nessas mulheres a vergonha em relatar os abusos e violências sofridas, as marcas se refletem nas lágrimas que derramam ao discorrerem sobre suas histórias.

As Delegacias Especializadas de Assistência a Mulher somam um alto número de atendimentos ao longo de sua criação, as mesmas atuam na prevenção e repressão da violência doméstica, assumem indiscutível relevância pelo atendimento prestado, mas para que a mesmas exerçam seu papel é necessário uma equipe multiprofissional capacitada, conhecedora da violência de gênero, despida de preconceitos realizando uma escuta ativa. É indispensável ainda o trabalho em concomitância com o Ministério Público, e também na implementação de políticas públicas de combate a violência doméstica e de gênero.

REFERÊNCIAS

1. Vieira LB, Padoin SMM, Souza ÍEO, Paula CC. Perspectivas para o cuidado de enfermagem às mulheres que denunciam a violência vivida. *Esc. Anna Nery* [on line]. 2011; [citado 17 mar 2013]; 15(4):678-685. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n4/a04v15n4.pdf>
2. Minayo MCS. *Violência e Saúde*. Rio de Janeiro (RJ): Editora Fiocruz; 2006.
3. Jong LC, Sadala MLA, Tanaka ACD'A. Desistindo da denúncia ao agressor: relato de mulheres vítimas de violência doméstica. *Rev Esc Enferm USP* [on line]. 2008; [citado em 17 mar 2013]; 42(4):744-51. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n4/v42n4a17.pdf>
4. Brasil. Ministério da Saúde. *Instrumentos Internacionais de Direitos das mulheres*. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Brasília: MS; 2006.
5. World Health Organization. *Multi-country study on women's health and domestic violence against women: summary report of initial results on prevalence, health outcomes and women's responses*. Geneva: WHO; 2005.
6. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edição 70; 2009.
7. Miranda MPM, de Paula CS, Bordin IA. Violência conjugal física contra a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. *Rev Panam Salud Publica*. [On line] 2010; [citado em 17 mar 2013]; 27(4):300-8. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v27n4/a09v27n4.pdf>

8. Levy L, Gomes IC. Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. *Psicol. Clin.* 2008; 20(2):163-172.
9. Mozzambani ACF, Ribeiro RL, Fuso SF, Fiks JP, Mello MF. Gravidade psicopatológica em mulheres vítimas de violência doméstica. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul.* 2011; 33(1):43-7.
10. Labronici LM. Processo de resiliência nas mulheres vítimas de violência doméstica: um olhar fenomenológico. *Texto contexto - enferm.* [On line]. 2012; [cited 2013-03-17]; 21(3): 625-32. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n3/v21n3a18.pdf>
11. Parente EO, Nascimento RO, Vieira LJES. Enfrentamento da violência doméstica por um grupo de mulheres após a denúncia. *Rev. Estud. Fem.* [On line]. 2009; [citado 17 mar 2013]; 17(2): 445-65. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/08.pdf>
12. Morin E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre: Ed. Sulina; 2006.
13. Saffioti HIB. *Violência de gênero - lugar da práxis na construção da subjetividade*. Lutas Sociais. São Paulo: PUC, (1997).

Recebido em: 01/08/2014
Revisão requerida: No
Aprovado em: 01/12/2014
Publicado em: 20/12/2014

Contato com o autor autor correspondente:
Maria Sidney da Silva Soares
João Pessoa - PB - Brasil
Email: profcidneysoares@hotmail.com